

## BENS IMATERIAIS

**01. Município:** Uberlândia

**02. Distrito:** Sede

**03. Denominação:** Terno de Congo Amarelo Ouro

**04. Natureza:** Festas Populares/ Celebrações/ Cultos Afro-brasileiros

**05. Responsável:** Vander Martins Silva (Chefim)

### 06. Informe Histórico:

Vander Martins Silva, o Chefim é uberlandense, nascido em 25/09/1965, é filho de Vilmar Silva (13/06/1941) e Nilda de Fátima Martins Silva (10/01/1942). Dona Nilda é filha de Dorvalino Adão da Costa (que trabalhava como caminhoneiro para Nego Amâncio, para os Irmãos Amâncio) e de Alvarinda Ferreira Martins, proveniente de Pindaíba, era lavadeira, cozinheira e fabricava farinha. Dona Nilda dançava no Moçambique de seu Leônidas, cujo quartel era no bairro Tibery, os dançadores se vestiam todo de branco e usavam coroa. Quando se casa aos quinze anos, dona Nilda deixa de carregar a fita da bandeira. Seu Vilmar, serralheiro, era capitão do Moçambique de seu Leônidas, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, começa a dançar com onze anos. Quando seu Leônidas falece, passa a dançar com o Miltão. Quando o Miltão falece, deixa de dançar. Desde 1968 residem na rua João Pereira da Silva (antiga 9), 503 – bairro Santa Mônica.

Chefim, também chamado carinhosamente pela mãe de Bituca, começou a dançar no Moçambique de Belém na época do seu Siricoco, dança lá um ano e vai para o Azul e Branco do finado seu Márcio, fica cinco anos e vai para o Marinheirinho, que era comandado pelo seu Debrair, permanece por três anos, depois dança com o Camisa Verde por oito anos e depois volta para o Marinheirinho como capitão auxiliando dona Dolores por dois anos. Chefim passa cinco anos parado antes de fundar o seu próprio terno. O Amarelo Ouro é registrado em 1997, mas apenas em 99 o capitão consegue ajeitar os instrumentos, estandarte, indumentária e sair com o terno. A família são a maioria dos integrantes somado à alguns vizinhos do bairro Saraiva, Chefim se lembra que no ano que saíram havia muitos brancos dançando com o terno o que causou admiração dos demais congadeiros.

O quartel do Amarelo Ouro era à princípio no bairro Saraiva, onde Chefim residia com a esposa Elaine Maria dos Santos Silva, na casa da mãe de Elaine, Elza Maria dos Santos Silva, na rua Timbiras, 801. Desde o falecimento de Elaine em 2005 o quartel passa a ser no bairro Progresso, na casa da avó de dois dançadores. Ano passado foi feito quartel na sede do MONUVA (Movimento Negro Visão Aberta). Este ano de 2007 planejam alugar uma quadra no Lagoinha para os dias da festa.

Os instrumentos utilizados pelo Amarelo Ouro são surdo, maracanã, repilique, e chocalho foram confeccionados pelo Chefim, que é serralheiro, auxiliado pelos dançadores Rogério, Armando e Evandro, ficam guardados na casa do Chefim no bairro São Jorge, rua Chapada do Araripe, 664. Estandarte, bandeira e oratório ficam na casa de D. Nilda.

### 07. Documentação fotográfica:





2006 e 2004

**08. Descrição:**

O terno de Congo Amarelo Ouro, traz o amarelo e o branco como cores predominantes na indumentária e nos adereços. Os homens utilizam calça, camisa e sapatos branco, faixa de cetim amarela na cintura, uma capa bem comprida de cetim amarelo com bordados de miçangas com motivos florais, chapéu amarelo com bordado de miçangas e flores, com cordões de miçangas que pendem sobre o rosto. O bordado da capa e do chapéu fica a cargo do soldado que irá usa-lo, variando muito um do outro, sempre com riqueza de detalhes. O capitão que se traça todo de amarelo. Os instrumentos utilizados pelo Amarelo Ouro são surdo, maracanã, repilique, e chocalho.

**09. Grupos Sociais Envolvidos:**

A família de Vander Martins Silva, moradores dos bairros Saraiva, Progresso e São Jorge

**10. Organizadores:**

Presidente: Olívio Artur dos Reis Silva (Tio do Chefim)

1º Capitão Vander Martins Silva (Chefim)

2º Capitão: Evandro dos Santos Silva (filho do Chefim)

Madrinha: Jéssica Flávia dos Santos Silva (filha do Chefim)

As funções de secretário e tesoureiro são de responsabilidade do Chefim

**11. Participantes:**

Aproximadamente 50 integrantes.

**12. Local de Realização: o quartel está sem local definido**

**13. Data/ periodicidade de ocorrência:**

A “campanha” do Congado, como os congadeiros dizem, começava por volta do dia 15 de setembro, atualmente ela começa por volta do dia 10 de agosto. Por causa da mudança da data da festa de novembro para outubro, a campanha também começa mais cedo. A festa do Congado realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário no centro da cidade de Uberlândia, atualmente ocorre no último domingo e segunda-feira de outubro, antes era no segundo domingo e segunda-feira de novembro. Ocorre também uma festa na igreja de São Benedito, no bairro Planalto no mês de maio. Várias festas em outras cidades ocorrem em diversas datas ao longo do ano, sendo visitadas pelos ternos de Uberlândia.

**14. Informações Complementares:**

O Congado é um ritual afro-brasileiro que nasce dos cortejos de coroação de reis, do culto aos ancestrais africanos e das celebrações de santos da Igreja Católica. Uma dança ritual executada por guardas ou ternos de Congo, Moçambique, Marujo, Marinheiro e Catupé. Os dançantes prestam homenagem à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, aos antepassados e aos santos de sua devoção, principalmente aos santos negros Santa Ifigênia e N. S. Aparecida, mas também São Domingos, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora d’Abadia, etc. Cada terno se diferencia do outro nas cores das roupas e dos acessórios, nos ritmos das músicas, nos instrumentos e na forma da dança.

Prevalesse o canto antifonal, isto é, um solista, geralmente o Primeiro Capitão, apresenta o tema e o coro responde. O Segundo Capitão com seu bastão e apito comanda os soldados na execução instrumental. Cada Capitão “puxa” uma série de músicas que podem ser elaboradas por ele ou pelo grupo e ainda outras aprendidas com outros ternos ou com os antepassados. Algumas músicas são “tradicionais” do terno, passadas de capitão para capitão. Outras são específicas de cada guarda. Existem também cantorias que são consideradas “segredo” que não podem ser reveladas para “os de fora” e que são aprendidas e “guardadas no coração”, só são executadas em cerimônias reservadas.

O trajeto do Congado é uma manifestação pública da fé, do pertencimento ao movimento cultural afro-brasileiro-mineiro-uberlandense. Os congadeiros rompem os muros que cercam suas comunidades e ganham a cidade, comemorando a manutenção

de suas famílias e de sua cultura.

O ritual composto por elementos da cultura bantu é reelaborado no Brasil sob influência do contato com outros povos africanos, europeus e nativos. O Congado em Uberlândia, é fundamentado no mito da aparição e resgate da imagem de Nossa Senhora do Rosário e possui pelo menos duas versões: a) Nossa Senhora do Rosário estava dentro do mar, um garoto a vê submergir, chama os pais para verem, eles não acreditam. Então ele chama os Marinheiros, que também presenciaram a santa submergir, eles tentam tirá-la, mas ela não sai do local. Chegam brancos e padres e tentam levá-la para uma capela, mas a santa “foge” do altar e volta para o mar. Vem, então o terno de Congo, todo colorido e canta para ela sair da água, ela submerge, mas ao ser levada para a capela dos brancos, volta a “fugir” para o mar. Um terno de Moçambique, todo vestido de branco, descalço, com gungas nos pés, canta para ela, que então submerge e lhes acompanha, eles então constroem uma capela para ela e ali Nossa Senhora do Rosário permanece, o terno de Moçambique então se retira sem lhe dar as costas. b) a segunda versão, contada por Maria Conceição Cardoso, do Moçambique Rosário de Fátima, afirma que ao tentar capturar escravos fugidos na serra da Montanhosa, um grupo de capitães do mato encontra um grupo de negros, vestidos de branco, fazendo rosários, com contas de lágrima em frente a uma árvore de umbaúba onde Nossa Senhora do Rosário estava encravada num galho. Os capitães do mato surram os negros e tentam capturá-los, mas eles permanecem imóveis. Apavorados com a visão voltam para a cidade e chamam um padre para ir até o local verificar o fato. E como na primeira versão, brancos e Congos não conseguem levá-la, Nossa Senhora do Rosário acompanha apenas o Moçambique que canta, vestido de branco e lhe construiu uma igreja e não lhe dá as costas ao se retirar de sua presença.

O Moçambique é, por isso, a Guarda Real. Isto é, são os ternos de Moçambique os responsáveis por conduzir as imagens dos santos, bem como os reis durante a procissão. É responsável por levantar o mastro na porta da Igreja dando início ao Congado, é quem geralmente conduz os casais reais até a procissão e também no encerramento da festa. Ouvi de diversos capitães em Uberlândia, que quem conduz o casal real é o Moçambique ou “Congo de coroa”. A coroa além de representar a realeza, também é símbolo de Nossa Senhora e confere a quem a utiliza a autoridade para conduzir os reis e santos. A coroa também está associada aos Pretos Velhos, na Umbanda, representa o poder e a sabedoria dos anciões. O Catupé faz a guarda do Moçambique e pode substituí-lo nessas funções. As músicas, as roupas e adereços e o trançar de fitas característico do terno de Marinheiros e Marujos, fazem referência ao mar que traz os negros para o Brasil e de onde Nossa Senhora é retirada, e às atividades do Marinheiro. Os ternos de Congo são de louvação, os tocadores de maracanhãs e caixas fazem performances saltando com os instrumentos, mas esta performance, atualmente, também é reproduzida por outras guardas. Segundo os integrantes do Marinheiro de São Benedito a performance dos saltadores ou caixeiros de frente, em que os dançadores pulam com as caixas revezando entre ajoelhar-se e saltar é cheia de significação. Quando estão ajoelhados, estão pedindo axé e quando estão pulando, estão agradecendo as graças recebidas. Axé é energia vital, essencial para existência. Uma das características diferenciadoras dos ternos de Congo que vem se extinguindo em Uberlândia é o uso de cuíca e de tamborins (caixinhas quadradas confeccionadas em madeira e couro, percutidas com uma vareta), bem como o uso de pandeiros, adufes e instrumentos harmônicos como violões, cavaquinhos, banjos e sanfonas.

A organização das guardas, a hierarquia dos ternos, segue os modelos militares ou políticos. Na maior parte dos ternos, o “regente” é chamado Capitão, mas em outros recebe o distintivo de General ou Guia. Existem outras funções, tais como, Presidente, Fiscal, Conselheiro, Secretário, Tesoureiro, Madrinha do Terno, Madrinha da Bandeira, Soldados, Bandeireiras, etc. que variam de terno para terno, tanto em número como em funções e significações. “Antigamente” a função de Primeiro Capitão era designada em alguns ternos de Marechal e as bandeireiras de Juizas, o Presidente era conhecido como o Dono do terno. As designações presidente, vice-presidente geralmente tem seu equivalente como primeiro capitão, segundo capitão, madrinha.

O primeiro capitão se desloca o tempo todo se certificando se tudo corre bem com todo o terno e também puxa as músicas. O segundo capitão geralmente é responsável por reger a bateria, é o maestro. Dois outros capitães ou fiscais protegem as laterais e também se locomovem entre os dançadores. A madrinha do terno geralmente segue a frente, junto à virgem que carrega a bandeira, mas também transita pelo terno auxiliando na medida em que se faz necessário. A madrinha da bandeira auxilia as bandeireiras. Elas também são responsáveis pelas crianças, no Marinheirão existe a função de capitão das crianças, outras pessoas, geralmente as mães também cuidam das delas, carregando-as no colo quando se cansam.

Os Fiscais auxiliam na condução do terno, na execução das músicas, na organização dos dançadores. São os imediatos do Capitão, geralmente também impunham um bastão e trazem um apito. As funções de Presidente, tesoureiro e Secretários, exigidas para o registro oficial, geralmente são desempenhados pelos próprios Capitães, Madrinhas e Fiscais. Os Soldados são os tocadores e dançadores.

As Bandeireiras conduzem as Bandeiras ou estandartes e suas fitas fazendo coreografias, também podem ser chamadas de Andorinhas. “Antigamente” esta função só era desempenhada pelas garotas virgens. Muitas mulheres relatam que se a menina não fosse virgem e levasse a fita ou o mastro da bandeira, muitos acidentes poderiam acontecer. Nossa Senhora do Rosário seria a responsável por denunciar a farsa. Adereços de cabelo poderiam cair ou a roupa se rasgar, a própria bandeira poderia sofrer danificações, como quebrar, rasgar. Desmaios e doenças dificultariam a execução da função. Caberia a menina se afastar quando não fosse mais “digna” de carregar a bandeira do Congado. Hoje no entanto esta tradição não é mantida pela maioria dos ternos.

Alguns atribuem sentidos místicos à escolha das cores, dos instrumentos, dos acessórios e dos ritmos, outros vêm nesses elementos traços distintivos dos ternos. As roupas e acessórios são usados apenas nos dias de festa, durante a campanha, cada um se veste a seu modo. As meninas geralmente fazem roupas que podem ser usadas no cotidiano, já que todo ano elas fazem duas trocas de roupa: uma para o domingo e outra para a segunda. Alguns ternos modificam os modelos de suas roupas todo ano, outros mantêm a vestimenta dos homens durante algum período. Constatei a preocupação de anciões quanto à manutenção das roupas consideradas tradicionais dos ternos. A indumentária que mais inova é a das bandeireiras, geralmente as roupas dos soldados possuem elementos identificadores dos ternos e não mudam de um ano para o outro, a mudança quando ocorre é gradativa. A indumentária é um dos elementos identificadores dos ternos, por isso a Irmandade do Rosário intervém na escolha das cores e adereços.

Os ternos só recebem a Carta de Comando – ordem para participar dos festejos – se estiverem filiados à Irmandade de Nossa

Senhora do Rosário de Uberlândia. Aqueles registrados em cartórios participam do Reinado sem o aval da Irmandade. Um representante da Igreja, geralmente o pároco, participa diretamente das decisões da Irmandade. A Irmandade é o elo de ligação dos ternos com a Igreja Católica e as subvenções governamentais. A Irmandade gerencia a festa, decide data de realização da festa, faz e refaz o estatuto da Irmandade e da Festa, decide horários de realização de missas, procissões etc. A diretoria da Irmandade do Rosário é na verdade um reinado, onde os cargos são hereditários. Cada terno é como se fosse um “reino” ou “estado”, “clã”, “fação”, um batalhão, um pelotão, pertencente à um tipo de guarda. Com organização e agenda de rituais própria. Cada terno possui o seu “diplomata”, geralmente um capitão, que fará sua representação nas reuniões com a Irmandade e os órgãos governamentais ou financiadores.

Apesar de muitos congadeiros negar que exista rivalidade entre os ternos, a disputa torna-se muito clara em muitos momentos. Disputam a ocupação do espaço na praça da igreja, qual a execução mais perfeita das músicas, qual o maior número de componentes, qual a melhor organização e disposição dos soldados na apresentação, qual a melhor e mais bonita indumentária, ocorre disputa na demarcação do território onde realizaram sua campanha, etc. Em alguns momentos verdadeiras batalhas orquestrais ocorrem: os ternos se enfrentam com os instrumentos, o apito e a expressão corporal dos capitães deixam clara a luta enquanto os soldados rufam seus tambores.

Durante “campanha” do Congado, como os congadeiros dizem, são confeccionados ou reformados acessórios, roupas e instrumentos. Realizam ensaios, novenas, leilões, reuniões com a Irmandade e com a Coordenadoria Municipal Afro-Racial (CoAfro). Fazem benzições, trabalhos espirituais. Visitam outras cidades em festa. A campanha é o período que precede a festa. Geralmente é o Presidente do terno ou a Madrinha quem fica responsável por agendar os leilões e novenas. Os donos da casa onde serão realizados os leilões arrecadam “prendas”, geralmente alimentos, produtos de higiene, bebidas, quitutes, roupas, etc, que serão leiloados a favor do terno. Reúnem-se os dançadores, afinam-se os instrumentos e cada terno sai do seu quartel sob o comando do bastão e do apito de seus capitães realizando jornadas noturnas que extrapolam os limites dos bairros para realizar as novenas e os leilões. Estes deslocamentos pela cidade enchem a noite com as sonoridades dos instrumentos. Algumas pessoas saem na porta das casas para ver os ternos passarem, nos seus ensaios para o dia da festa.

Cada terno possui o seu “território”, demarcado pelas casas dos amigos que oferecem prendas para o leilão ou solicitam a visita da bandeira para a realização da novena. Cada terno possui um quartel, que pode ser a casa de um dos capitães ou de pessoas ligadas ao terno. O “território” dos ternos extrapola, inclusive as fronteiras das cidades, pois cada terno possui uma agenda de festas e encontros formando distintas redes de sociabilidade. Os ternos também costumam visitar suas cidades de origem.

Quando um terno se encontra com outro no trajeto pode acontecer pelo menos três ações diferentes:

1 – se os ternos forem amigos, se cumprimentam e até mesmo tocam juntos;

2 – se os ternos tiverem algum tipo de diferença, rixa, ou questão a ser resolvida, poderá haver uma espécie de confronto, um duelo de instrumentos, ou um terno impede o outro de atravessar uma rua ou passar na porta da igreja.

3 – se os ternos ainda não se conhecerem pode acontecer dos Capitães cantarem um para o outro saldando as bandeiras e se identificando. Pode também haver neste caso uma espécie de duelo em que os capitães disputam cordialmente para saber qual dos capitães é mais experiente ou qual a bateria faz mais evoluções.

O trajeto até a casa da novena é utilizado para realizarem o ensaio para o dia da festa. Durante o trajeto até as casas onde se realizarão as novenas, os capitães ensinam as músicas aos novatos e ensinam a tocar os instrumentos. É comum a criação de músicas novas para apresentarem no dia da festa. A composição pode ser feita por capitães, madrinhas ou dançadores do terno ou ainda ser atribuídas a mentores espirituais. Muitas músicas tocadas durante a campanha podem não ser executadas no dia da festa. Existem também músicas específicas para cada ocasião: para chamar o dono da casa, para agradecer as prendas para o leilão, para abençoar o interior da casa, músicas de novena, em louvor a São Benedito, em louvor a Nossa Senhora do Rosário, que relembram os antepassados, que falam de fenômenos climáticos, para solicitar a saída da bandeira, para saldar Reis e Rainhas, de despedidas, para quando ocorre um encontro com outro terno seja ele amigo ou não e uma infinidade de outras possibilidades, variando de terno para terno.

Existem duas versões para a origem do Congado em Uberlândia. A primeira considera o Distrito de Miraporanga (antiga Santa Maria) o local de onde se originaram os ternos de Congado do município, na época, o arraial de São Pedro de Uberabinha. Segundo Paulino (In Brasileiro, 2001:31), o primeiro terno de moçambique surgiu em Miraporanga, não sendo inicialmente aceito pelos moradores de São Pedro do Uberabinha. A Igreja do Rosário de Miraporanga, construída em 1850, foi fundada por escravos, que posteriormente se mudariam para o futuro bairro Patrimônio em Uberlândia, às margens do Rio Uberabinha, levando consigo as celebrações do Congado.

A segunda versão indica que o movimento do Congado se iniciou no Sertão da Farinha Podre, por volta de 1874, através do “Mestre André”. Esse senhor reunia os negros da região do Rio das Velhas e Olhos D’Água, tocando tambor em culto à Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros, pedindo para libertá-los da escravidão. O início do movimento ocorre por volta de 1876, período de expectativa e temor quanto à abolição da escravatura no Brasil Império. Vale lembrar que em 1881 foi decretada a lei nº 2040, conhecida como a “Lei do Ventre Livre” e em 1885 a “Lei do Sexagenário” ou “Lei Saraiva Cotegipe”, as quais participaram de um processo que culminou na própria abolição da escravatura, em 1888.

O município de Uberlândia se localiza na região do Triângulo Mineiro, área conhecida no século XVIII e XIX como Sertão da Farinha Podre. Esta região era denominada de Sertão da Farinha Podre por causa dos sacos de palha com farinha, encontrados pelos colonizadores, enterrados ou pendurados nas árvores. Das histórias contadas sobre a origem deste nome, existe uma que afirma que quando as bandeiras se aproximavam os indígenas e quilombolas que aqui habitavam escondiam sua farinha, base de sua alimentação, com esperança de poderem voltar algum dia para suas aldeias e ter alimentos até a nova plantação dar seus frutos. Eles se refugiavam nas matas e esperavam os bandeirantes abandonarem suas moradias após arrasá-las com saques e incêndios. Muitas aldeias tinham que mudar constantemente sua localização, abandonando sacos de farinha pelo caminho de sua fuga. Por causa de sua localização geográfica, o Sertão da Farinha Podre passou a ser um entreposto para os avanços das bandeiras. Local de descanso e comércio de tropas uma parada na rota de tropeiros e mineradores em direção a Goiás e Mato Grosso. A farinha que fora escondida pelos quilombolas e/ou indígenas apodrecia com a ação do tempo, e depois era encontrada

pelos novos habitantes do lugar. Por causa da grande quantidade de mantimentos apodrecidos encontrados, a região da bacia do rio Paranaíba que abrange o atual Triângulo Mineiro e parte do sul do estado do Goiás, ganhou o nome de Sertão da Farinha Podre. O Sertão da Farinha Podre era povoado por vários núcleos quilombolas distribuídos como pontos de uma rede. Os documentos oficiais referem-se a diversos deles como pertencentes ao Quilombo do Campo Grande. O Quilombo do Ambrósio, localizado na zona rural de Ibiá, cujo sítio arqueológico é tombado pelo patrimônio histórico, foi como uma célula central de onde partiam os integrantes que formavam os outros núcleos da rede. A historiografia oficial considera que o Quilombo do Ambrósio tenha sido destruído em 1746, sendo referido como o maior núcleo, comportando até mais de “mil negros, e grande número de negras e crias”. Os documentos oficiais que narram a destruição deste núcleo e de “outros menores” informam o número de três oficiais e duzentos e sessenta “homens capazes, e dos mais desocupados” reunidos nas freguesias de Brumado (hoje Patrocínio), Sta Rita, Carijos, Congonhas, Ouro Branco e Prado. E para a destruição do Quilombo do Campo Grande foram enviados quatrocentos e depois mais trezentos homens da cidade de Mariana, São João de El Rey, São José, Sabará e Vila Nova da Raynha. Sendo que estas comitivas levavam cartas solicitando que todas as comarcas lhes fornecessem “munições de guerra e de boca” Embora, os documentos oficiais relatem expedições bem sucedidas na destruição destes quilombos, deixam a entender que muitos quilombolas fugiam recomeçando um novo quilombo em áreas não ocupadas pelo homem branco. A área onde hoje se localiza Uberlândia só foi ocupada pelo homem branco a partir de 1821, possuindo ainda reminiscências dos antigos quilombos do Campo Grande. Mas a construção de hidrelétricas tem destruído paulatinamente os vestígios arqueológicos destes quilombos que geralmente escolhiam áreas estratégicas próximas aos rios para se instalar. Os quilombolas escolhiam sua localização de acordo com os elementos oferecidos pelo ambiente buscando áreas que lhes possibilitasse a permanência (agricultura e pecuária de subsistência, assaltos às tropas de comerciantes e viajantes e contrabando) e a defesa da comunidade. A região ainda preserva na toponímia referências aos antigos quilombos (Pau Furado e Quilombo).

A ocupação efetiva desta área pelo homem branco ocorreu a partir do século XIX, sendo a produção pecuária e a agricultura de subsistência primordiais, pois possibilitaram a instalação das fazendas e dos arraiais que futuramente constituiriam vários municípios e distritos. O arraial de São Pedro do Uberabinha, núcleo inicial da cidade de Uberlândia, formou-se no início do século XIX, a partir da aquisição de sesmarias do governo da Província de Minas Gerais por algumas famílias. O marco inicial da atual cidade foi a antiga Sesmaria de São Francisco, doada a João Pereira da Rocha, em 1821. A chegada de outras famílias, com destaque para a “Alves Carrejo”, intensificou a ocupação da região. Em 1846, Felisberto Alves Carrejo, após aquisição de área de dez alqueires entre o Córrego São Pedro e o Córrego Cajubá, obteve, juntamente com Francisco Alves Pereira, aprovação do Bispado de Goiás para a construção de uma capela curada, consagrada a Nossa Senhora do Carmo e a São Sebastião da Barra. No ano de 1852 foi criado o Distrito de Paz do São Pedro do Uberabinha, pela lei provincial n. 602, e em 1853 a primeira capela foi concluída. A criação da paróquia, em 1857, ocorreu no mesmo ano da formação do patrimônio da capela, composto de terras doadas por um grupo de moradores locais que haviam adquirido 100 alqueires da Fazenda do Salto (Vale, 1998: 252). As primeiras edificações do arraial se São Pedro do Uberabinha se concentravam ao redor do largo da Igreja Matriz, em terrenos aforados do patrimônio de Nossa Senhora do Carmo. Em 1883 foram doados, ainda, doze alqueires de terra à margem esquerda do córrego Uberabinha, próximo aos limites do arraial, destinados ao patrimônio de Nossa Senhora da Abadia (Lourenço, 1986:16). Em 31 de agosto de **1888**, a então freguesia foi transformada em vila, com o nome de São Pedro do Uberabinha, tendo sido instalada oficialmente em 1891. Em 24 de maio de 1892, a vila foi elevada à categoria de cidade pela lei nº 23. Em 1895, a Estrada de Ferro Mogiana atingiu a cidade de Uberlândia e se verifica o desenvolvimento da produção agropecuária e de indústrias, com destaque para a produção de charque (Brasileiro, 2001: 253). “Nas duas primeiras décadas do século XX foram instaladas em Uberlândia indústrias ligadas à produção rural. Têm-se registro das seguintes indústrias, existentes em 1922: beneficiadoras de arroz e algodão, serrarias, carpintarias, charqueadas, curtumes e outros estabelecimentos de produção de couro e carne, além de fábricas de banha, sabão, calçados e arreios” (Lourenço, 1986: 20). Vale ressaltar que o fornecimento de energia elétrica teve início em 1909, aumentando a possibilidade da instalação de várias fábricas. Em 1929, a cidade recebeu o nome de Uberlândia, através da lei nº 843. Na década de 1930, a abertura de estradas de rodagem em direção às áreas de exploração de diamantes do Rio Araguaia intensificou o desenvolvimento da área, que se tornou ponto de troca e abastecimento de caravanas e compradores de diamantes. Em 1933, iniciou-se a construção da nova igreja Matriz concluída em 1941. A padroeira Santa Terezinha foi escolhida para substituir os antigos padroeiros da cidade Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra. A antiga igreja Matriz foi demolida em 1943, dando lugar a estação Rodoviária, que hoje sedia a Biblioteca Municipal. Em 1940, cidade passa por um rápido crescimento e adensamento populacional, e desde então tem se configurado importante centro regional, localizado em local estratégico, próximo a seis capitais (Campo Grande, Cuiabá, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo e Brasília). De 1985 a 1996, o seu crescimento anual do PIB de 5,09%, superior ao crescimento de Minas Gerais (2,17%) e do Brasil (2,28%). Hoje, a cidade se destaca pelo desenvolvimento dos setores de agro indústria, tecnologia da informação, setor atacadista - distribuidor, e mais recentemente, de biotecnologia, sendo também considerado pólo na área de ensino superior.

Há referências históricas de que a primeira Capela de Nossa Senhora do Rosário tenha sido iniciada pelo Padre João Dantas Barbosa, em 1876, a qual não foi concluída, tendo sido definitivamente levantada na atual praça Cícero Dr. Duarte. Em decorrência do abandono da capela anterior, entre 1891 e 1893, ocorreu a construção da nova Capela do Rosário “com estrutura de madeira, tijolos de adobe e telha comum, situada no centro da cidade e com fachada voltada para o bairro General Osório (atual bairro fundinho).” Já em meados de 1890, o então presidente da Irmandade do Rosário passou a comandar a nova procissão. O vigário Pio Dantas estimulou a participação da comunidade negra nas festividades religiosas. (Ibidem, 2001) Com o crescimento da cidade, a segunda capela precisou ser ampliada. Foi composta uma comissão responsável por angariar donativos particulares e recolher uma mensalidade cobrada da Irmandade do Rosário. A capela anterior foi demolida e, no mesmo local, a partir de 1928, foi construída uma nova capela com projeto de autoria do arquiteto Thomaz Hovanez. Em 1931, a Capela Nossa Senhora do Rosário foi re-inaugurada. Em 1985, a Capela de Nossa Senhora do Rosário foi tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal (lei nº 4263, de 9 de setembro) e entre 1987 e 1988, foi restaurada pela Secretaria de Cultura do Município com apoio do IEPHA/MG (Vale, 1998:257). A Capela de Nossa Senhora do Rosário passou por processo de restauração no de 2006.

**15. Referências:**

\* ANAIS da Biblioteca Nacional – Volume 108 – Rio de Janeiro, 1988 pg. 47-113 – Carta de Gomes Freire de Andrade para o Capitão-mor da Vila de S. João de El Rey Manuel da Costa Golvea, 27 de junho de 1746. Mss. APM, Códice SC84, Registro da providoria da Fazenda de Minas Gerais p.111 (Ver laudo IPHAN 004/98)

\*BRASILEIRO, Jeremias. Congadas de Minas Gerais – Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

\* LAUDO IPHAN 004/98 – Dossiê do Tombamento do Remanescente do Antigo Quilombo do Ambrósio – Ibiá – Mg

\*LUCAS, Glaura. Os Sons do Rosário – Um Estudo Etnomusicológico do Congado Mineiro – Arturos e Jatobá. Dissertação de Mestrado, São Paulo: ECA-USP, 1999.

\*MARRA, Fabíola Benfica. Álbum de Família: Famílias Afro-descendentes no Século XX em Uberlândia – MG – CD-Rom produzido entre os anos de 2004 e 2005, através da lei municipal de Incentivo à Cultura.

\*MARTINS, Tarcisio José. Quilombo do Campo Grande: A História de Minas Roubada do Povo. São Paulo: Gazeta Maçônica, 1995.

\*LIMA JR., Walter. Chico Rei. Embrafilmes, 1986.

\*LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. Bairro Patrimônio: Salgadores e Moçambiqueiros. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

\*MARTINS, Leda M. Cantares – Afrografias da Memória. São Paulo: Perspectiva: 1997.

\*MOURA, Clovis (org). Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil – Maceió: Edufal, 2001.

\*RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. A Música Africana. Rio de Janeiro: Funart, 1981

\*VALE, Marília Brasileiro Teixeira. Arquitetura Religiosa do Século XIX no antigo “Sertão da Farinha Podre”. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do Grau de Doutor, São Paulo, 1998.

**16. Atualização de Informações:**

**17. Ficha Técnica:**

<b>Fotografia:</b> Fabíola Benfica Marra	Data: 2004 e 2006
<b>Elaboração:</b> Fabíola Benfica Marra	Data: maio de 2007
<b>Revisão:</b>	Data: